

# ANÁLISE TECTONO-ESTRATIGRÁFICA DE BACIAS RIFTE

Juliano Kuche<sup>1</sup>; Claiton Marlon dos Santos Scherer<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Geopetro PRH-12 UFRGS/ANP

**RESUMO:** Após o estabelecimento e completa disseminação dos conceitos fundamentais da estratigrafia de sequências clássica (*sensu* Vail et al. 1977; Posamentier et al., 1988, Van Wagoner et al., 1990), aplicações específicas e alternativas vêm surgindo para fornecer modelos estratigráficos para as mais diversas situações geológicas. Pode-se citar a estratigrafia genética de Galloway (1989), as variações de sequências deposicionais de Hunt & Tucker (1992), sequências T-R de Embry (1995) e as *nested sequences* de Neal & Abreu (2009). Para bacias do tipo rifte, diversos modelos têm surgido nos últimos anos (Prosser, 1993; Bosence, 1997; Gawthorpe & Leeder, 2000; Morley, 2003 e Martins-Neto & Catuneanu, 2010, entre outros). O modelo aqui proposto utiliza alguns conceitos desenvolvidos pelos autores acima citados, e abordagens novas com o intuito de fornecer um modelo tectônico e estratigráfico de análise de bacias rifte, que apresente unidades mapeáveis e seus significados em termos de fatores controladores, e suas superfícies limitrofes.

Os fatores controladores da geração e preservação de sedimentos em um rifte são (1) tectônica, como fator principal, como definidor da geometria da bacia e dos eventos geodinâmicos que criam ou destroem espaço de acomodação em um rifte; (2) clima, que controla a disponibilidade de sedimentos na bacia (aporte), e o arranjo arquitetural e tipologia dos sistemas deposicionais; (3) magmatismo, onde sua presença altera o padrão de preenchimento de um rifte, define padrões geodinâmicos de rifteamento, e controla o arranjo deposicional. Por fim, (4) a eustasia apresenta um impacto mínimo ou inexistente em riftes continentais, pois o desenvolvimento de lagos interiores independe do nível do mar, fazendo com que a eustasia somente tenha importância em riftes marinhos. Por consequência, fatores derivados são: (1) aporte sedimentar, que é o resultado direto da tectônica e do clima; (2) espaço de acomodação, controlado diretamente pela tectônica, e por consequência, o resultado da relação entre o aporte e o espaço, é o padrão de empilhamento.

A unidade fundamental de um rifte é o meio-gráben, que apresenta uma falha de borda, que controla o movimento relativo entre o *footwall* (bloco alto) e o *hangingwall* (bloco baixo). O meio-gráben possui três características fundamentais que determinam seu processo evolutivo controlando a deposição e erosão: (1) a contemporaneidade entre erosão e deposição, (2) o controle estrutural do tipo de drenagem, e (3) a expansão e retração do meio-gráben. A relação entre estes controles permite a caracterização de tratos de sistemas tectônicos, que determinam padrões específicos para cada fase evolutiva de um rifte: Trato de Sistemas Tectônico de Início de Rifte, Desenvolvimento de Meio-Gráben, e Final do Rifte. Cada trato de sistemas possui padrões de empilhamento, arranjo deposicional e variáveis controladoras definidas, bem como superfícies limitrofes, o que permite um mapeamento sistemático diretamente relacionado a definições genéticas das unidades.

**PALAVRAS CHAVE:** estratigrafia, tectônica, rifte.